

A IMPORTÂNCIA DOS SUBSTANTIVOS NA ICONICIDADE DA POESIA DE SALGADO MARANHÃO

Aira Suzana Ribeiro Martins (CPII)
airasuzana.ribeiromartins@gmail.com

1. Introdução

Este trabalho pretende fazer um estudo de um poema de José Salgado Santos, ou Salgado Maranhão, como é conhecido. Natural do Maranhão, radicado no Rio de Janeiro, o poeta chama atenção pelo vigor de seus versos.

A leitura que se faz da poesia de Salgado Maranhão provoca grande impacto. Isso se deve, sobretudo, à seleção lexical feita pelo poeta. A palavra presente na obra é tão contundente que, após o ato de leitura, ela permanece, provocando sempre novas reações.

O crítico de arte Paulo Venâncio Filho, ao fazer um comentário sobre a poesia de João Cabral de Melo Neto (1997), compara-a a uma lâmina precisa. Seguindo o mesmo raciocínio, afirmamos que a palavra de Salgado Maranhão é pedra, como se observa no poema em estudo: “a palavra é a pedra...”. Ela nos atinge e deixa marcas profundas. O emprego dos nomes, sobretudo os substantivos, é feito de maneira precisa. Essa palavra assusta e ao mesmo tempo seduz. A leitura de um poema do autor nos arrasta, inevitavelmente, para a leitura de outro. Cada experiência, entretanto, é única. Os poemas de Salgado Maranhão são únicos e provocam sempre estranhamento e sedução. O processo de semiose, responsável pela transformação de um signo em outro mais desenvolvido, faz emergir, na mente interpretadora, como resultado desse estado de perturbação, os quadros sugeridos pelos signos verbais presentes em cada texto.

O estado de inquietação causado pelo primeiro contato com os versos do autor nos levou a conhecer um pouco mais sua obra. Posteriormente, essa experiência de leitura foi motivo de uma investigação mais aprofundada do poema “Palavra” em *A Cor da Palavra* (MARANHÃO, 2009), que apresentamos neste artigo.

2. *Um pouco de teoria*

A análise do poema de Salgado Maranhão selecionado para este texto será feita à luz da teoria da iconicidade verbal (SIMÕES, 2009). Tal concepção baseia-se na teoria semiótica de Peirce (1975), segundo a qual tudo neste mundo pode ser considerado um signo. Desse modo, consideram-se em um texto os signos verbais e não verbais. Da combinação do verbal e do não verbal formam-se imagens que deixam marcas expressivas ou icônicas e marcas impressivas ou indiciais no texto.

Os signos verbais investigados em sua totalidade, isto é, em relação à forma e ao conteúdo, fazem emergir, na tessitura do texto, valores de natureza semiótica e semântica. Portanto, serão verificadas as significações construídas a partir do sistema linguístico e os efeitos de sentido produzidos pelos signos na trama textual.

As imagens evocadas pelos signos verbais estimulam a imaginação da mente interpretadora e, quanto mais icônicos e indiciais forem os signos que compõem a tessitura textual mais facilidade haverá para o processo de semiose, ou produção de significados. A partir da identificação de significados, a mente interpretadora, num processo de interação com o texto, descobrirá possíveis sentidos do texto, de acordo com suas experiências.

Em se tratando de um texto polissêmico como o texto literário, a teoria da iconicidade textual vai nos auxiliar a identificar nas escrituras o projeto ou os projetos comunicativos do autor.

Como observamos anteriormente, chama atenção, na obra poética de Salgado Maranhão, o vigor da matriz verbal da linguagem, que se materializa, principalmente, nos substantivos. Esses signos se desenvolvem em múltiplos sentidos por meio das metáforas. Além disso, a cadência brusca dos versos intensifica o caráter provocador dos poemas. Esse procedimento – seleção lexical, criação de metáforas, ritmo – provoca o aparecimento de quadros imagéticos que nos permitem a captação de significados que culminarão em possíveis sentidos, a partir da reflexão sobre sensações que emergiram do diálogo estabelecido com o texto no ato de leitura. A seguir, haverá o processo de formação de novos signos, isto é, o aparecimento de novas possibilidades de sentidos, de acordo com toda sorte de leituras e experiências que tenhamos tido anteriormente.

A leitura do poema “Palavra” em *A Cor da Palavra* (MARANHÃO, 2009) facilitará nosso trabalho de apresentação.

Vejamos o texto:

Palavra

a palavra coexiste no dilúvio
 ao açoite do sangue nas pedras.
 a palavra é a pedra — o arquétipo
 que dança.
 e o tempo do fogo flama
 e a memória das águaslavra
 em/canto e plenilúnio.

a palavra lavra o tempo
 naja imaginária
 submersa no invisível mar,
 godiva do cais dos loucos
 deusa do silêncio.

a palavra em si é cio
 virtude
 a divertir o vício
 de saber saber.

Na obra de Salgado Maranhão, como mostra o poema “Palavra”, observa-se a forte presença da metalinguagem. Há inúmeros poemas cujo tema é o próprio fazer poético. Chamou atenção esta observação do autor: “Quem conhece minha poesia sabe que ela é minha pele e minha medula, porque como um garimpeiro, só quero tirar da mina o que for ouro genuíno...” (cf. SOUZA, 2012, p. 18-19). A leitura de seus poemas mostra que, no exercício de garimpagem, o substantivo representa o objeto mais buscado.

Em “Palavra” os substantivos têm um papel predominante. Os adjetivos, ainda que bastante significativos, não chegam a ser representativos; sua ocorrência é inexpressiva, fato que nos levou a não considerá-los em nosso estudo. A diagramação do texto mostra que o substantivo aparece desnudo, quase sem a roupagem dos termos adjuntos. Diríamos que esse nome se basta. Seria o ouro genuíno em seu estado bruto, parafraseando a afirmação do autor.

Vejamos o quadro dos substantivos presentes no poema “Palavra”:

palavra	plenilúnio
dilúvio	tempo
açoite	naja
sangue	mar
pedras	godiva

pedra	cais
arquétipo	loucos
tempo	deusa
fogo	silêncio
memória	cio
águaslavra	virtude
encanto	vício
canto	saber

Como sabemos, a palavra pode evocar um número infinito de associações. Saussure (*apud* SANTAELLA, 2001, p. 301) lembra que “um termo dado é como um centro de uma constelação, o ponto para onde convergem outros termos coordenados, cuja soma é indefinida”. Desse modo, a palavra empregada pelo poeta remete a experiências comuns ao escritor e ao leitor, ou ainda a eventos que fazem parte somente da vivência do autor. Um signo pode também despertar no leitor reações jamais imaginadas pelo autor.

A partir do léxico selecionado no poema, podemos agrupar os signos em dois grupos.

Diríamos que há signos representantes de objetos que remetem a experiências e sensações marcantes e até mesmo devastadoras; há outros, também, representantes de objetos que proporcionam certo alento ao espírito. Poderíamos estabelecer, com base nessas oposições, as seguintes isotopias: agonia e consolação.

Vejamos:

agonia	consolação
dilúvio	em/ canto canto
açoite	em/canto encanto
pedra	cais
fogo	deusa
naja	silêncio
cio	virtude
vício	saber

Vemos, no poema, a sobreposição de substantivos que, na estrutura dos versos, se apoiam em metáforas. De acordo com a teoria da iconicidade de Peirce (1975), a metáfora possibilita a formação da imagem mental do objeto a que o signo verbal se refere.

Vejamos estas metáforas:

A palavra é:

pedra
arquétipo
tempo do fogo
memória das águaslavra
naja imaginária
godiva do cais dos loucos
deusa do silêncio
cio
virtude

A iconicidade do poema identificada a partir das isotopias deduzidas do léxico é semelhante à iconicidade que se pode depreender das metáforas presentes em “Palavra”.

Não poderíamos predicar a palavra como um ser ambíguo porque, de acordo com o dicionário *Aulete Digital*, “ambíguo” tem as seguintes acepções: “impreciso, incerto, indefinido (sentimento ambíguo); a que falta firmeza ou clareza de opinião hesitante”.

No poema, ao contrário, esse elemento, a palavra, é determinado, tem rigor, chegando a causar sofrimento. Por outro lado, a palavra é um elemento que acolhe, consola. Enfim, ao mesmo tempo em que causa sofrimento, ela também é refrigério. Ou seja, a palavra tem uma dupla face; ela é angústia e ao mesmo tempo é consolação.

A depreensão dessas isotopias, entretanto, não encerra a leitura do poema. Sendo um texto literário, ele é sujeito a múltiplas apreciações.

Podemos também estender nossa leitura, considerando os seguintes signos:

sangue
arquétipo
tempo
memória
águaslavra

Essas palavras-chave, ou âncoras, termo utilizado por Simões (2009), nos conduzem a outro tema relacionado ao signo “Palavra”.

Vejamos o recorte das principais acepções desses signos no Dicionário *Aulete Digital*:

Sangue

Encicl. O sangue desempenha várias funções vitais para o organismo (...).
Fig. Vigor, ânimo, violência, morticínio.

Arquétipo

Modelo perfeito, padrão.

Tempo

Época, oportunidade.

Memória

registro, lembrança

A formação neológica “águaslavra”, formada a partir do substantivo “água” e do verbo “lavar” pode fazer parte desse grupo. De acordo com o dicionário, os verbetes formadores do neologismo têm as seguintes acepções:

Água

Elemento essencial à vida.

Lavra

Ação ou resultado de lavar, arar, preparar a terra. Local onde se extraem metais e pedras preciosas.

Podemos deduzir que a palavra “águaslavra” está relacionada a algo que nutre ou prepara o local para que dali se extraiam preciosidades.

Deduzimos que os signos desse último grupo remetem a sentidos relacionados a um elemento fundador ou primordial.

Como já vimos, cada perspectiva de leitura representa enriquecimento ao que já se considerou sobre o objeto. Portanto, de acordo com o poema, a palavra é o elemento fundador. Ela tem poder e força e, ao mesmo tempo, é perdição e salvação.

A autenticidade e a simplicidade buscadas pelo poeta se configuraram também na forma do poema. Percebe-se que, exceto o título, os versos de “Palavra” são iniciados por letras minúsculas. No texto, o signo verbal em minúscula pode estar associado à simplicidade, ao despojamento tão almejado pelo autor. Podemos dizer que, na forma, houve a busca do signo em seu estado bruto, livre de tudo que possa encarcerá-lo em rótulos e detalhes desnecessários, a começar pela letra minúscula.

Informações de ordem enciclopédica também justificam a ausência de maiúsculas. Os versos “godiva do cais dos loucos/ deusa do silêncio.” fazem uma evocação simbólica à figura histórica Godiva. As evocações, de acordo com Charaudeau (1992), associam os valores positivos ou negativos que acompanham os seres que têm os nomes próprios. Godiva, de acordo com a lenda, uma aristocrata anglo-saxônica, fez o sacri-

fício de desfilarem nua pelas ruas de Coventry, como exigência do Duque da Mércia, seu marido. Em troca, ele diminuiria o valor dos impostos que tanto sacrificava o povo da região. Outra versão explica que a nudez a que Godiva se submeteu seria de ordem simbólica, ou seja, ela teria abandonado o uso de joias, costume tão caro às figuras da nobreza. Dessa forma, poderíamos afirmar que, no poema, a metáfora “godiva do cais dos loucos” simbolizaria o elemento que tem existência própria, despido de artifícios.

Como vemos, no poema, a palavra é um elemento fundador, tem poder. Ao mesmo tempo é sagrada e profana.

A dupla personalidade da palavra, apreendida da leitura do texto, também se reflete na forma. Os sons que compõem os vocábulos oscilam, em sua maioria, entre consoantes oclusivas surdas e sonoras [p], [b]; [t], [d]; [k], [g], como vemos, por exemplo, nos signos “**p**alavra”, “**saber**”, “**t**empo”, “**d**ilúvio”, “**c**oexiste”, “**s**angue” e fricativas surdas e sonoras [f], [v]; [s], [z]; [ʒ], que ocorrem em “**f**lama”, “**d**ilúvio”, “**s**ubmersa”, “**i**nvisível”; “**n**aja”. Portanto, há o trabalho com sons vigorosos e sons suaves. Essa suavidade sonora também se mostra por meio de sons consonantais nasais bilabiais e alveolares e tipes alveolares [m], [n] e [ɲ], como as palavras “**m**emória”, “**n**aja”.

Observam-se nos versos as aliterações das consoantes oclusivas, procedimento que reforça o caráter brusco do ritmo, como se vê em: “a **p**alavra é a **p**edra e o **a**rquétipo”. Há também a ocorrência de aliterações somente com sons fricativos, como em: “deusa do **s**ilêncio”.

As assonâncias aparecem por meio da incidência dos sons vocálicos [a] e [i], como vemos nos versos: “a palavra em **si** é **ci**”.

A rima que aparece no verso “a **p**alavra **l**avra o tempo” evidencia o signo “lavra”. Esse procedimento do autor é uma pista de leitura. Logo, podemos inferir que o vocábulo-chave do texto é “lavra”, do verbo lavar. De acordo com o *Dicionário Etimológico*, (CUNHA, 1998) “lavar” se origina de *labor, lavor* (trabalho, faina). Labor, por sua vez, vem do latim *labor, -oris*, cujo significado era “dor”, “fadiga experimentada na realização de um trabalho”.

Embora etimologicamente o signo “lavra” não faça parte da formação do signo “palavra”, na fisicalidade desse signo, percebe-se a presença de “lavra”: **palavra**.

O tema do poema, pelo que podemos deduzir, é o fazer poético, representado pelo signo “palavra”. O texto nos mostra que o poema nasce do *labor*, do trabalho fatigante do poeta em encontrar a palavra exata. A palavra, portanto, é virtude e vício, ou seja, ela encanta e, ao mesmo tempo, seduz.

Por fim, em relação à métrica, observa-se o mesmo caráter de in-submissão da palavra. Os versos são livres, isto é, não obedecem a um esquema rígido de versificação.

3. *Conclusão*

Como podemos ver, com maestria e criatividade Salgado Maranhão, no poema “Palavra” reflete sobre o fazer poético. De acordo com o autor, a palavra, personificada, é um ser que tem força e poder, encanta e seduz e, nesse jogo, só resta ao poeta, no ato escritura, trabalhar até a exaustão.

O tema presente em “Palavra” é recorrente na obra do poeta maranhense. A pequenez do homem diante da superioridade da palavra pode ser verificada também no poema “Pó & Cia” (MARANHÃO, 1995, p. 74)

Vejamos:

Pó & Cia.

de vez em quando
a poesia
se insinua
para que eu a possuia.

depois
arredia
desaparece
como se habitasse
a outra
face
da lua.

Percebemos que, no jogo amoroso entre poeta e Poesia, esta tem pleno domínio da situação, só restando ao pobre artista a atitude de subserviência, no trabalho que o leva quase à exaustão, à mercê de seus caprichos.

Esse poderoso ser, palavra, em uma luta quase desigual, enfim, se torna acessível e, curiosamente, mostra seu outro lado: ela também é generosa, proporcionando prazer ao final do fazer poético.

Essa dupla personalidade da palavra é engenhosamente mostrada no poema, tanto no plano lexical quanto na camada sonora. Sua dureza e suavidade são mostradas na seleção lexical. Os substantivos selecionados no poema se alternam num jogo entre severidade e piedade, com o objetivo de mostrar a personalidade desse elemento que é a palavra poética. A alternância entre força e docilidade se revela na presença de fonemas oclusivos, representantes da força, e fonemas fricativos, representantes da generosidade.

A duplicidade se mostra no próprio signo que representa o tema do texto: palavra. Esse signo verbal é composto de fonemas oclusivos e fricativos, representando sua severidade e docilidade.

De acordo com a teoria da iconicidade peirciana, esta análise que procuramos realizar funciona como um agente facilitador de leitura. De acordo com Simões (2009), o entendimento da trama gramatical leva o indivíduo a educar o raciocínio lógico. Essa prática, aliada à exploração de objetos visuais e auditivos, tomados como textos, possibilitam ao leitor identificar, na escritura, marcas que lhe permitirão inferir o projeto ou os projetos comunicativos subjacentes do artista. Portanto, a teoria da iconicidade textual considera o texto uma unidade comunicativa. Sua análise leva em conta a variação linguística, o gênero do texto e o contexto. Em outras palavras, a teoria da iconicidade requer o domínio gramatical, o domínio estilístico e ainda o domínio semântico-pragmático.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette Livre, 1992.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

MARANHÃO, Salgado. *A cor da palavra*. Rio de Janeiro: Imago/Fundação Biblioteca Nacional, 2009.

_____. *Palavra*. Rio de Janeiro: 7Letras, 1995.

MELO NETO, João Cabral. *A educação pela pedra e depois*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

SANTAELLA, Lúcia. *As matrizes da linguagem e do pensamento*. São Paulo: FAPESP/Iluminuras, 2001.

SIMÕES, Darcília. *Iconicidade verbal: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Publicações Dialogarts, 2009.

SOUZA, Iraci Conceição. *Salgado Maranhão*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012.